

Os ingleses e os franceses, vencedores em 1918, não sabiam bem o que fazer com os espólios do Império Otomano. Suas decisões eram dúbias, vacilantes, com a intenção de adiar problemas, na tentativa de agradar a todos os lados.

“Convenientemente, neste momento, o Gabinete Britânico, em seu melhor estilo leviano, prometeu a um grupo pouco representativo de árabes no Cairo que suas tribos ficariam com o território conquistado à Turquia na guerra. Para agradar os turcos derrotados, os britânicos disseram-lhes outra coisa totalmente diferente. Ao Comitê Árabe em Damasco asseguraram o contrário do que haviam prometido a Lord Rothschild, o apoio à criação de um poder judeu soberano na Palestina”

T.E. Lawrence, no livro Seven Pillars of Wisdom

A Declaração Balfour, argumentou George Antonius, autor da influente obra *The Arab Awakening* (O Despertar dos Árabes), traiu o acordo anterior entre o Rei Hussein e Sir Henry McMahon, o alto comissário britânico no Egito. E isso, por sua vez, foi contradito pelo famoso acordo Sykes-Picot, que colocou o antigo território do Império Otomano sob o domínio de britânicos, franceses, e, pelo menos no papel, de russos.

Escreveu Antonius em 1938: “A promessa da Grã-Bretanha não tem validade real, em parte porque ela já havia se comprometido com o reconhecimento da independência árabe na Palestina e, em parte, porque a promessa envolve uma obrigação que ela não pode cumprir sem o consentimento árabe.”

Mais tarde o escritor Arthur Koestler criticaria de forma memorável o papel hesitante e dubio dos ingleses na Palestina: “Uma nação prometeu solenemente a outra nação um território que pertencia a um terceiro povo”.

O que Koestler quis dizer com sua simplificação do problema da ocupação judaica na Palestina está na base de todos os conflitos que até hoje colocam judeus e árabes em permanente estado de guerra. Os judeus não se sentiam invasores. Para os árabes, no entanto, que sob o Império Otomano ocuparam a região lado a lado mas em maior número que os judeus, a Palestina era propriedade deles.

OS LÍDERES JUDEUS FICARAM COM OS ALIADOS. O LÍDER ÁRABE ESCOLHEU HITLER



Haj Amin al-Husseini em reunião com Adolf Hitler

Na medida que aumentava o volume das levas de judeus vindos da Europa, mais claro foi ficando para os britânicos que estavam se armando na região as bases de um longo e complexo conflito.

O Relatório Peel, publicado em julho de 1937, continua sendo o mais perceptivo estudo da bomba-relógio armada na Palestina desde o aumento das imigrações em 1917.

“Não há pontos em comum entre eles. Suas aspirações nacionais são incompatíveis. Os árabes querem reviver a idade de ouro de sua civilização (de 711 d.C. a 1492 d.C.). Os judeus desejam mostrar que podem ter de volta a terra em que a nação judaica nasceu. Nenhum dos dois ideais nacionais está a serviço de um Estado único”

Relatório Peel

O relatório Peel capturou como as relações árabe-judaicas tinham azedado com o aumento da imigração de judeus. Sua conclusão foi clara: um conflito irreprimível surgiu entre duas comunidades nacionais dentro dos limites estreitos de um pequeno país. Profeticamente, o relatório percebeu o tamanho do abismo que dura até os dias atuais.

O fim da 2.ª Guerra trouxe a paz e, com ela, a decisão, compartilhada entre as grandes potências, Estados Unidos e União Soviética, de que chegara a hora de se criar o Estado de Israel na Palestina. Com uma votação apertada na ONU, Israel conseguiu ver seu direito reconhecido. Pela mesma resolução, os palestinos tiveram um território designado para chamar de sua pátria. Os Estados árabes não aceitaram a decisão da ONU e declararam guerra a Israel.

Em julho de 1949, Israel assinou acordos de armistício com o Egito, Jordânia, Líbano e Síria dando fim à primeira de suas guerras de afirmação da própria existência. Ao assinar o acordo de paz, Israel controlava 78% da Palestina. Foi uma melhoria considerável em relação aos 55% que haviam sido

designados pela ONU 20 meses antes. Nascia ali uma dura tradição: a cada guerra que os árabes declaram contra Israel e perdem, os judeus ganham mais território.

Como resultado de conflitos, Israel conquistou o controle sobre a península do Sinai (depois devolvida ao Egito), as Colinas de Golã, a Cisjordânia, Jerusalém Oriental e a Faixa de Gaza, entregue ao controle do Hamas em 2005.

Nos períodos entre guerras, as batalhas pelos corações e mentes da opinião pública mundial continuaram. Na primeira e mais decisiva delas, a que se seguiu ao fim do Mandato Britânico na Palestina, as razões da vitória incontestada de Israel foram cristalinas.

Abdel Monem Said Aly, Shai Feldman e Khalil Shikaki autores de *Arabs and Israelis – Conflict and Peacemaking in the Middle East*, relatam:

“A mais relevante entre todas as gritantes diferenças entre os sionistas e os nacionalistas palestinos talvez tenha sido a qualidade e a habilidade dos indivíduos que lideravam os dois lados: Chaim Weizmann e David Ben-Gurion foram ao mesmo tempo grandes estrategistas e operadores pragmáticos. Do outro lado despontava Hajj Amin al-Husseini, que aliou os palestinos à Alemanha nazista, perdendo assim toda a simpatia que poderia, de outra maneira, ter angariado dos Aliados, vencedores da 2.ª Guerra. Não menos importante, porém, foi a incapacidade dos árabes de construir qualquer arremedo de instituições de Estado em seus territórios, sendo governados por líderes dogmáticos e autocráticos. Não foi surpresa, portanto, que ao tempo da criação do Estado de Israel, os palestinos se encontrassem em séria desvantagem.”

A posição de Grande Mufti e líder dos muçulmanos palestinos foi dada pelos administradores locais ingleses simpáticos aos árabes a Amin al-Husseini em 1921. Parecia um golpe bem colocado contra o sionismo. Como o tempo mostraria, o golpe mais cruel e destrutivo foi contra os árabes palestinos, a quem o Grande Mufti levaria a um beco sem saída e sangrento. Um aventureiro de tudo ou nada, o Grande Mufti colocou terras e vidas árabes em risco. O Grande Mufti optou por uma aliança com a Alemanha nazista e intimidade com Adolf Hitler, que se mostraria um desastre moral e de relações públicas para os palestinos.

PARTE 2

“VAMOS JOGAR OS JUDEUS NO MAR”

“Por um lado, Israel é o único país democrático ocidental que ocupa terras de outro po-



Yitzhak Rabin (E), Bill Clinton e Yasser Arafat durante os acordos de Oslo, em 1993

vo. Por outro, Israel é a única nação ocidental cuja existência é constantemente ameaçada. Essas duas circunstâncias, a da ocupação e da ameaça permanente de extinção, nos definem. São os dois pilares da nossa condição”, diz Ari Shavit.

As crescentes ondas de imigração de judeus europeus para a Palestina a partir de 1917 traziam consigo o gérmen de um conflito duradouro. A primeira insurgência de árabes na Palestina contra Israel ocorreu em 1936.

Diversas outras se seguiram sob o olhar condescendente da potência estrangeira que dominava a região sob os auspícios da Liga das Nações, o Mandato Britânico na Palestina.

Os judeus europeus eram educados, com diplomas em engenharia, agronomia e medicina. Fossem judeus pré-sionismo ou árabes, os imigrantes esnobes olhavam os moradores tradicionais da Palestina de cima para baixo. O desdém foi o estopim das rebeliões nesse período, antes que a ocupação do território se tornasse o ponto focal da discórdia.

Antes que a ONU votasse a divisão da Palestina entre judeus e árabes locais, as tensões e confrontos violentos pareciam administráveis. Os judeus faziam juras seguidas de suas intenções progressistas na região, com a pregação de que sua chegada beneficiaria todas as etnias, enquanto muitos líderes árabes alimentavam a esperança de uma coabitação mutuamente benéfica entre os dois povos. Entra em cena o nacionalismo palestino.

“Vamos jogar os judeus no mar”, afirmou Kamal Irekat, que foi, nos anos 40, talvez, o primeiro líder árabe a declarar que o objetivo central da luta

na Palestina era se livrar de todos os judeus.

Também conhecido como Kamal Nasser, Kamal Irekat celebrou-se como um dos pais do nacionalismo palestino. Serviu como membro do Comitê Executivo da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), de quem foi porta-voz.

Morreu assassinado em 1973 por um comando israelense em Beirute, no Líbano, na “Operação Primavera da Juventude”, que tinha como alvo líderes da OLP.

“As Nações Unidas terão que colocar um soldado estrangeiro ao lado de cada judeu na Palestina para fazer seu Estado funcionar”

Riad Al Solh

Riad Al Solh foi um personagem importante na história moderna do Líbano. Com o fim do mandato francês em 1943, Solh tornou-se tornou o primeiro primeiro-ministro do Líbano independente.

A TENTATIVA DE COMPRAR UM PAÍS

Até certo ponto um sentimento artificial, nascido entre intelectuais e jornalistas, o nacionalismo palestino ajudou a descartar o que chegou a parecer uma via pacífica para a criação de Israel: a compra de vastas porções de terra de seus proprietários locais. O príncipe Feisal e Chaim Weizmann concordaram em 1918 que não havia escassez de terra na Palestina: o problema era que grande parte dela era controlada por um pequeno grupo de proprietários árabes. A saída pela compra ☺